

## 6 x 6: Novas Tendências da Literatura e da Ilustração Portuguesa para a Infância

Sara Reis da Silva

[Recibido, novembro 2010; aceptado, decembro 2010]

**RESUMO** Neste ensaio apresentaremos uma abordagem da produção literária e pictórica de seis autores e de seis ilustradores da nova geração, procurando destacar a novidade da sua criação, bem como as suas implicações ao nível da renovação do panorama editorial português destinado aos leitores mais pequenos.

**PALAVRAS-CHAVE:** literatura portuguesa para a infância, ilustração portuguesa para a infância, produção literária contemporânea.

**ABSTRACT** This paper aims at presenting an overview of portuguese literary and visual production by six writers and six illustrators situated in a new generation, emphasizing the originality of their artistic creations, as well as their implications on the renovation of Portuguese editorial universe dedicated to young readers.

**KEYWORDS:** Portuguese children's literature, Portuguese children's illustration, contemporary literary productions.

117

### Introdução

Na última década, a literatura portuguesa para a infância e a juventude foi alvo de um interesse crescente e de um reconhecido impulso editorial. Motivado, por exemplo, pelo trabalho de uma nova geração de ilustradores e substantivado até no aparecimento de algumas editoras com projectos especificamente centrados nos leitores mais jovens<sup>1</sup>, este universo parece carecer de uma aposta (ou do aparecimento?) em escritores que, apesar de ainda desconhecidos/pouco conhecidos ou com um número reduzido de títulos editados, apresentem uma escrita original e pessoal, alimentada por um recurso inteligente/inovador à língua portuguesa e aos seus possíveis mecanismos estético-literários, pela recriação ficcional de tópicos novos e adequados ao seu

---

<sup>1</sup> Refira-se, a título exemplificativo, a actividade editorial desenvolvida pela Bruá e pela Planeta Tangerina.

potencial destinatário, bem como pela atenção a géneros emergentes, em especial, no caso do nosso país, ao álbum narrativo para primeiros leitores ou à narrativa visual.

Neste breve ensaio, pretendemos abordar a produção literária e pictórica de alguns autores e ilustradores de uma nova geração, ressaltando as singularidades da sua criação, bem como as suas implicações ao nível da renovação do panorama editorial português destinado aos leitores mais pequenos. Por uma série razões que a seguir tentaremos dilucidar, optámos por centrar a nossa atenção na escrita de Carla Maia de Almeida, Isabel Minhós Martins, João Manuel Ribeiro, João Paulo Cotrim, Rita Basílio e Rita Tãborda Duarte. Do universo da ilustração, seleccionámos o trabalho artístico de Afonso Cruz, Bernardo Carvalho, Inês Oliveira, Luís Henriques, Madalena Matoso e Yara Kono.

A primeira parte do título deste estudo –“6x6”– dá conta, ainda que indirectamente, desta selecção restrita de apenas seis nomes de cada âmbito, uma opção quantitativa justificada pela tradição portuguesa (e não só) de contar por dúzias ou meias dúzias, um processo, aliás, considerado como um rasgo identitário por Roig Rechou (2008), a partir dos estudos de Anne Marie Thiesse (1999) e Antón Figueroa (2001). Tratando-se, de certa maneira, de um início opaco, num primeiro olhar, torna-se evidente também, no título desta apresentação, o jogo com a noção de multiplicação, a sugerir, de certa maneira, a associação de alguns nomes do domínio da escrita a outros da ilustração. Com efeito, em certos casos, a novidade semântica decorre precisamente desse “cruzamento” de vozes ou da multiplicação de sentidos verbais e visuais nascidos da arte de um escritor e da arte de um ilustrador. Pensemos, por agora, e a título meramente exemplificativo, nos vários títulos assinados pelas “duplas” formadas por Isabel Minhós Martins e Bernardo Carvalho ou por Rita Tãborda Duarte e Luís Henriques.

Como facilmente se compreende, no presente contexto, a abordagem da obra destes escritores e ilustradores não poderá ser exaustiva. Restringiremos a nossa análise à referência interpretativa com intuito exemplificativo, mencionando alguns títulos da sua autoria que poderão reflectir a singularidade do seu trabalho. Na apresentação destes escritores e artistas plásticos, seguiremos a ordem alfabética (por primeiro nome).

## Seis novos escritores: Carla Maia de Almeida, Isabel Minhós Martins, João Manuel Ribeiro, João Paulo Cotrim, Rita Basílio e Rita Taborda Duarte

Carla Maia de Almeida (Matosinhos, 1969) é jornalista *freelancer* e é autora, até à data (Dezembro de 2010), de três obras narrativas, todas editadas com a chancela da Editorial Caminho. *O Gato e a Rainha Só*, a mais extensa e vocacionada talvez para leitores infantis mais experientes, *Não quero usar óculos*, primeira experiência da autora no domínio da escrita breve e, muito especialmente, da construção do álbum narrativo (*picture story books*), neste caso, em parceria com André Letria, e *Ainda falta muito?*, outro álbum, desta vez, nascido do diálogo com Alex Gozblau, traduzem já algumas das singularidades da escrita literária de Carla Maia de Almeida. Globalmente, tópicos como a viagem, tratada quer numa perspectiva mais psicológica ou afectiva, e, portanto, enquanto procura e estruturação pessoal e interior, bem como a descoberta do Outro (como em *O Gato e a Rainha Só*), quer encarada como deslocação física e alcance de outros lugares (como em *Ainda falta muito?*), a par da infância, da família ou do binómio cidade/campo, por exemplo, pontuam as narrativas da autora em causa. Outro elemento alicerçante da sua escrita é o humor, surgindo o cómico nos seus três tipos, especialmente nas duas últimas obras publicadas. Os três situados no modo narrativo, os livros que Carla Maia de Almeida dirigiu aos mais jovens reflectem uma atenção especial a aspectos como o recurso a um uso lúdico da língua e/ou ao humor, como referimos, e à articulação equilibrada e semanticamente fértil do texto verbal com a componente visual. A originalidade e a fluência do discurso da escritora, a par da forma como ficcionaliza temáticas comuns ao imaginário e ao quotidiano infantis contribuem para a afirmação da sua obra –ainda em crescimento– na actual literatura portuguesa para crianças.

Isabel Minhós Martins (Lisboa, 1974) é uma das fundadoras da Planeta Tangerina, editora na qual tem já publicados mais de uma dezena de títulos, um conjunto composto, por exemplo, por *Um Livro para Todos os Dias* (2004), *Obrigado a Todos!* (2006), *Pê de Pai* (2006), *Uma mesa é uma mesa. Será?* (2006), *Quando eu nasci* (2007), *A Grande Invasão* (2007), *O Mundo no Segundo* (2008), *És mesmo tu?* (2008), *Coração de Mãe* (2008), *O Meu Vizinho é um Cão* (2008), *Cá em Casa Somos...* (2009), *Depressa Devagar* (2009), *As duas estradas* (2009), *Andar por Aí* (2009) ou *Ovelhinha dá-me lá* (2010). Visualmente articuladas com ilustrações de Bernardo Carvalho, Madalena Matoso ou Yara Kono (com esta última ilus-

tradora, apenas no caso do último título mencionado), e integrando o género do álbum narrativo, as breves –por vezes, brevíssimas– narrativas de Isabel Minhós Martins testemunham uma visão muito pessoal –da qual não se encontra, por vezes, ausente uma certa ironia– do mundo, das relações interpessoais (por exemplo, familiares), dos afectos (como em *Obrigado a todos!* ou em *Andar por Ai*) e, até, da própria infância. As condições de vida na sociedade actual, associadas a tópicos como a (in)diferença, a aceitação do Outro ou a tolerância, cruzam vários textos desta autora. Sempre num registo vivo e predominantemente acessível, baseado numa construção humorística que recorre ao trocadilho (como em *És mesmo tu?*) e à sugestão, os textos de Isabel Minhós Martins são também sustentados pelas associações simbólicas, pela metáfora (como em *Pê de Pai* ou *Coração de Mãe*, por exemplo) e, por vezes, por uma arquitectura que ora simula a fragmentação, ora recorre a esquemas próximos dos da poesia, como as repetições fonéticas ou o paralelismo que permite, em certos casos, a criação de contrapontos (como em *Um Livro para todos os dias* ou em *Depressa Devagar*, por exemplo).

120

João Manuel Ribeiro (Oliveira de Azeméis, 1968), além da actividade de edição (por exemplo, na Trinta por uma Linha e na Tropelias & C<sup>a</sup>), dedica-se à escrita de poesia e de narrativa breve, sendo autor de uma obra já com mais de dez títulos publicados. Na sua produção literária, a poesia ocupa um lugar muito significativo. Títulos como *Poemas da Bicharada* (2008), *Rondel de Rimas para Meninos e Meninas* (2008) ou *Poemas para Brincalbar* (2009) denunciam a influência da matriz tradicional, nomeadamente das lengalengas e dos trava-línguas, e o gosto pela ludicidade. Numa das suas mais recentes obras, *Sopa de Letras* (2010), os jogos fonéticos e de palavras acentuam a dimensão humorística dos textos, aspecto que representa, aliás, uma das características mais importantes da escrita deste autor.

João Paulo Cotrim (Lisboa, 1965) é jornalista e um dos produtores do SpamCartoon. Foi director da Bedeteca de Lisboa desde a sua abertura, em 1996, até 2002, tem assinado vários argumentos de banda desenhada e possui vários livros publicados em parceria com artistas plásticos como André Letria (*História de um Segredo*, 2003), Alain Corbel (*A Cor Instável*, 2003), Maria João Worm (*O Homem Bestial*, 2004), Miguel Rocha (*Viagem no branco*, 2004), Tiago Manuel (*Canção da Rocha, da Onda e da Nuvem*, 2005), Alex Gozblau (*São Vicente & os Corvos*, 2005) e João Fazenda (*A História Secreta de Pedro e o Lobo de Sergei Prokofiev*, 2007), entre outros. Uma das notas dominantes da pro-

dução literária de João Paulo Cotrim é, quanto a nós, a busca e a experimentação de técnicas narrativas (veja-se, por exemplo, *História de um Segredo*), um caminho que resulta, não raras vezes, numa construção de carácter metatextual/metanarrativo. Acresce, ainda, a constante e muito significativa associação da sua escrita a registos pictóricos variados, fundamentais do ponto de vista da originalidade da recriação ficcional e também da concepção gráfica da obra. Uma nota para assinalar a publicação, em 2007, de *A Árvore que dava olhos*, um texto de João Paulo Cotrim, na nossa perspectiva, muito especial que conta com ilustrações de um nome maior da arte portuguesa: Maria Keil.

De Rita Basílio (Leiria, 1972) destacamos *A Bela Desaparecida* (Porto Editora, 2007), obra vencedora do Prémio Literário Cidade da Figueira da Foz (2005). Este conto, construído muito ao jeito Rodariano, é apresentado como uma “história sobre todas as histórias de encantar”, abrindo com a referência paródica a um conjunto de fórmulas hipercodificadas de abertura dos contos maravilhosos, procurando intencionalmente demarcar-se destas no sentido da criação de uma pretensa ligação ao real através da factualidade espaço-temporal –em vez de ter como cenário um “reino distante” e um tempo indefinido, a acção situa-se na praia da Figueira da Foz, numa tarde de Verão. A técnica do encaixe, o percurso simultaneamente metaficcional e intertextual e o mecanismo de *mise en abîme* sustentam o relato nuclear do texto, também pautado pelo maravilhoso e povoado de princesas, príncipes, bruxas, reis e rainhas, várias personagens-tipo, muitas protagonistas de textos clássicos (como Rapunzel, O Capuchinho e o Lobo Mau ou os Três Porquinhos, por exemplo), que, juntamente com espaços arquetípicos das narrativas tradicionais, como o palácio encantado, se multiplicam e são reinventados sob o signo do humor.

Tendo sido também impulsionada por um prémio, neste caso, o Prémio Branquinho da Fonseca/Expresso/Gulbenkian 2003, a escrita de recepção infantil assinada pela poetisa e crítica literária Rita Taborda Duarte (Lisboa, 1973) conta já com sete livros (até Abril de 2010). Depois de *A Verdadeira História de Alice* (2004), título galardoado com o prémio mencionado, vieram a lume *A Família dos Macacos* (2006), *Os Piolhos do Miúdo/Os Miúdos do Piolho* (2007), *O Tempo Canário e o Mário ao Contrário* (2008), *Sabes, Maria, o Pai Natal não existe* (2008), *Fred e Maria* (2009) e *Gastão vida de Cão* (2010), todos ilustrados por Luís Henriques e publicados pela Editorial Caminho. Estas obras dão conta da capacidade imaginativa e literária da autora, bem como do seu

olhar perspicaz e divertido sobre o mundo infantil. A componente humorística e *nonsensical*, perceptível em certos títulos, é um dos pilares semânticos da generalidade das narrativas de Rita Taborda Duarte. A recorrente recuperação de personagens de volume para volume –como acontece com Fred e Maria, por exemplo– determinam a coerência macrotextual da cada vez mais sólida produção literária desta autora.

### **Seis novos ilustradores: Afonso Cruz, Bernardo Carvalho, Inês Oliveira, Luís Henriques, Madalena Matoso e Yara Kono**

Do universo da animação e da realização de filmes deste género, Afonso Cruz (Figueira da Foz, 1971), que publicou recentemente *Os Livros que Devoraram o meu Pai* (Caminho, 2010), obra vencedora do Prémio Literário Maria Rosa Colaço, tem vindo a ilustrar livros de, entre outros, José Jorge Letria (por exemplo, *A Minha Primeira República*), António Manuel Couto Viana (*Bichos Diversos em Versos*) e Alice Vieira (*Rimas Perfeitas, Imperfeitas e Mais-que-perfeitas*). A sua linguagem plástica, visivelmente pessoal, tem o tom caricatural como substracto principal. Seguindo e, na maioria dos casos, ampliando a vertente cómica do texto linguístico, as ilustrações de Afonso Cruz distinguem-se também pelo humor, quase sempre decorrente, entre outros aspectos, da integração de microtextos paralelos ao texto linguístico alvo da ilustração.

Bernardo Carvalho (Lisboa, 1973), nome ligado à editora Planeta Tangerina, é formado em Design de Comunicação. No seu percurso artístico e profissional, a ilustração para a infância surgiu por acaso, ao ser convidado para ilustrar o guia juvenil da EXPO 98. A partir desse momento, o trabalho em projectos pedagógicos para serviços educativos de museus e em livros para a infância tem vindo a multiplicar-se. No âmbito do prémio Nacional de ilustração, recebeu uma menção honrosa em 2006 e uma menção especial em 2007, respectivamente por *Pê de Pai* e *A Grande Invasão*, ambos textos de Isabel Minhós Martins e publicados pela Planeta Tangerina. Globalmente, Bernardo Carvalho ilustra com imaginação e num registo muito pessoal, regra geral, bem-humorado. No seu trabalho, a representação humorística assume diversas formas, por exemplo, desde os usos metafóricos, à ironia, passando pela ambiguidade, pela surpresa e, até, pela crítica social. Com Isabel Minhós Martins e os seus textos, as ilustrações de Bernardo Carvalho pactuam com

particular criatividade, estreitam ligações, inauguram e alimentam complicações, arquitectando-se, assim, nesta relação, uma linguagem formal de grande eficácia. Certas ilustrações de Bernardo Carvalho parecem devedoras das técnicas da banda desenhada (por exemplo, em *O Mundo num Segundo*), outras destacam-se pela profusão de elementos icónicos e pela descontinuidade e/ou fragmentação dos caracteres do discurso verbal (a imitar o registo caligráfico informal/quase “caseiro” e em maiúsculas), reiterando também a vertente experimental ou concreta, como acontece em *A Grande Invasão*, e outras, ainda pelo jogo contrastivo de tonalidades inesperadas associadas a formas estilizadas e, em certos aspectos, minimalistas, como em *Pê de Pai* ou na narrativa visual *Um dia na praia*, com história também de Bernardo Carvalho. Resumidamente, as ilustrações do artista plástico em apreço, activando técnicas variadas (recortes e colagens, guaches, entre outras), transportam o leitor para um território especial, o território, como refere Cotrim (2008: 22), “da boa disposição e toda a figuração, que assenta em esforço de clareza e síntese, acentua esse sentido, de entre todos o mais desconcertante: o do humor”.

Inês Oliveira (Porto, 1979) iniciou a sua actividade de ilustração infantil com o livro *O Mosquito* (Edições NovaGaia, 2003), obra que conta com texto também da sua autoria. A partir desse título, a sua actividade criativa, centrada, no essencial, na ilustração para a infância e a juventude, tem vindo a ocupar um lugar especial no panorama editorial português. A singularidade, a coerência, a elegância e/ou a delicadeza da sua expressão, plasmadas numa construção pictórica, quase sempre em aguarelas, articulada quer com textos clássicos como *A Bela e o Monstro* (2005), quer com textos de autores consagrados da literatura portuguesa para crianças e jovens, como Sidónio Muralha, José Jorge Letria, António Torrado, Lídia Jorge ou João Pedro Méseder, têm sido apontadas pela crítica e pelos estudos (*vide*, por exemplo, sinopses a obras como *O Meu Primeiro Miguel Torga*, de João Pedro Méseder, e *Milagre de Natal*, de António Torrado, disponíveis no site [www.casadaleitura.org](http://www.casadaleitura.org)). Em certos casos, nas ilustrações de Inês Oliveira, é mesmo possível encontrar uma proximidade com a arte de alguns ilustradores internacionais, como a de Lisbeth Zwerger, apenas para citar um exemplo paradigmático, nas obras *A Pétala e a Rosa* ou *Alice no País das Maravilhas*, ou, até, com outros clássicos, como os da escola russa, por exemplo, sem que este facto prejudique a sinalização e o elogio do seu traço pessoal ou da qualidade técnica das suas ilustrações. De notar, também, que o reconhecimento do seu trabalho tem vindo a traduzir-se, por exemplo, em prémios e distinções como a menção especial

atribuída pelo júri do Prémio Nacional de Ilustração 2008 (GDLB/APPLIJ) à obra *Milagre de Natal*, de António Torrado, e na presença de títulos como *Os amigos de Lia* (Porto Editora, 2006), com texto e ilustração da sua autoria, na selecção do Plano Nacional de Leitura ou de *O Grande Voo do Pardal* (Dom Quixote, 2007), um conto de Lídia Jorge que integra as selecções “Os Melhores de 2007” da Gulbenkian-Casa da Leitura e Mini Biblioteca Essencial FNAC e Gulbenkian-Casa da Leitura (2009).

O trabalho ilustrativo de Luís Henriques (Lisboa, 1973), nome associado à B.D., mais concretamente no âmbito do livro infantil, encontra-se profundamente ligado à produção literária para crianças da autoria de Rita Táborda Duarte. Além das obras da autora referida, ilustrou também, por exemplo, *Quero ir à praia*, de Possidónio Cachapa, *Canção dos Piratas* (2006) e *Não Venham Já ou uma Casa Virada do Averso* (2009), de João Pedro Mésseder, e, ainda, *O Menino Estrela* (2008), de Oscar Wilde. Em termos gerais, a riqueza semântica do seu discurso visual assenta, em certos casos, na exploração do jogo entre o preto e o branco, com breves apontamentos de vermelho (como, por exemplo, em *Sabes, Maria, o Pai Natal não existe*), no recurso à caricatura e à paródia (como em *A Canção dos Piratas*), sublinhando a dimensão humorística do texto verbal, nas sugestões de movimento, na variação de perspectivas e na técnica da sugestão. A preferência por cores escuras, pelo sinal contorno e pela textura distinguem também o registo pictórico de Luís Henriques.

A expressão plástica de Madalena Matoso (Lisboa, 1974) tem vindo a alcançar uma assinalável originalidade e a conquistar um lugar próprio no universo português da ilustração de livros de preferencial recepção infanto-juvenil, tendo sido o seu trabalho artístico já reconhecido com uma menção especial no Prémio Nacional de Ilustração 2006 e com o Prémio Nacional de Ilustração (DGLB/APPLIJ) em 2008, pelas ilustrações do álbum poético *Charada da Bicharada*, de Alice Vieira (Texto, 2008). Minucioso e, muitas vezes, composto a partir da conjugação expressiva de padrões atractivos, habilmente recortados e sobrepostos, o discurso pictórico desta artista possibilita um conjunto de leituras ora paralelas ao próprio texto verbal, ora suplementares em relação a este. A sobreposição de materiais –por exemplo, pequenos pedaços de tecidos e/ou de papéis diversos ou segmentos de fotografias–, os recortes e as colagens (como, por exemplo, em *Sementes de Música*, de Ana Maria Ferrão e Paulo Ferreira Rodrigues, em *Línguas de Perguntador*, de João Pedro Mésseder, ou *O Livro da Tila*, de Matilde Rosa Araújo), elementos determi-

nantes para a construção de um espaço icónico muito rico, nomeadamente ao nível das texturas que compõem as imagens (como se observa, por exemplo, em *Ninguém dá prendas ao Pai Natal*, de Ana Saldanha), parecem ser actualmente as estratégias de composição visual de eleição da autora. A estas técnicas juntam-se o desenho e a pintura, sempre em tons fortes e contrastivos e a partir de esquemas policromáticos bastante atraentes. A pormenorização na representação do espaço reflecte-se no cuidado com que recria os cenários naturalistas, por vezes mencionados apenas levemente pela componente verbal (como em *Branca de Neve e Rosa Vermelha*, por exemplo). Nestes, destacam-se a presença recorrente de animais, representados com base na liberdade de proporções e de perspectivas, recurso que sustenta quer uma apelativa construção metafórica, quer um humor subtil, e, ainda, a partir da personificação. Aliás, a frequência e a força expressiva dos elementos naturalistas são enfatizadas não só pela prevalência dos tons verdes, mas também na/o opção/gosto da autora pela utilização de pequenos pedaços de tecidos com padrões floridos na indumentária das personagens visualmente reinventadas.

Brasileira a residir em Portugal desde 2001, a ilustradora e designer gráfica Yara Kono (São Paulo – Brasil, 1972) integra a equipa da Planeta Tangerina desde 2004. Em 2009, veio a lume *De Sol a Sonho*, de Raul Malaquias Marques, uma colectânea poética dominada pela natureza (animais, frutos, flores...), que conta com ilustrações desta artista. Já este ano (2010), foram dados dois outros volumes com a sua assinatura: *Ovelhinha dá-me Lã*, com texto de Isabel Minhós Martins, e *O Papão no Desvão*, da autoria de Ana Saldanha. Nestas três obras, visualmente caracterizadas pela simplicidade, verificando-se um recurso a tons variados, no caso do segundo título, mais fortes e contrastivos, observa-se um interessante jogo entre formas preenchidas e “formas vazias” e um uso muito livre do traço e, mesmo, do tracejado. As técnicas da repetição/multiplicação de elementos, da sobreposição ou da intersecção de planos ou de pequenos signos visuais (veja-se, por exemplo, a capa de *De Sol a Sonho*) abrem espaço para leituras simultâneas/paralelas.

## Reflexão final

A breve revisão que elaborámos do trabalho literário e ilustrativo dos seis autores e dos seis ilustradores seleccionados permitiu-nos perceber que uma das tendências da literatura portuguesa contemporânea para a infância consis-

te na prevalência do modo narrativo, em particular, da narrativa breve ou do conto. Do ponto de vista formal, destaca-se também um incremento da atenção concedida à ilustração e/ou genericamente ao grafismo do livro infantil, verificando-se uma intensificação da publicação de álbuns narrativos para as primeiras idades, por exemplo. Na actual literatura para a infância, além da tradicional ficcionalização de tópicos como, por exemplo, a natureza e os animais, temáticas como o multiculturalismo, a guerra e a paz, as condições de vida modernas, a ecologia/protecção ambiental, a crítica social, as relações interpessoais/familiares têm vindo a ganhar espaço e a dominar um conjunto assinalável de novos títulos.

Em conclusão, com esta rápida panorâmica, procurámos assinalar/sublinhar os aspectos fundamentais que singularizam a escrita e a ilustração de um grupo mais ou menos restrito de autores e de ilustradores. Limitações contextuais impediram-nos de nos centrarmos também no trabalho criativo de outros escritores de língua portuguesa –por exemplo, David Machado, Ondjaki, Gonçalo M. Tavares, Pedro Teixeira Neves ou Sara Monteiro– ou de outros ilustradores –por exemplo, Anabela Dias, André da Loba, Margarida Botelho, Marta Madureira, Rachel Caiano, Ricardo Rodrigues ou Rute Reimão–, dando, assim, conta, a partir de uma perspectiva mais lata, dos caminhos e (dos atalhos) da literatura portuguesa potencialmente recebida por crianças. Mesmo assim, a nossa reflexão permitiu-nos concluir acerca da relevância de um conjunto de novas vozes que, com visível qualidade, têm vindo a ampliar e a renovar o universo da edição literária preferencialmente dedicada aos mais novos.

Sara Reis da Silva  
Universidade do Minho

## Referências bibliográficas

Cotrim, João Paulo. 2008. “Bernardo Carvalho”, en *Ilustrações.PT – Ilustração Portuguesa Contemporânea para a Infância* (coords. Ju Godinho e Eduardo Filipe). Lisboa: Publisher/DGLB, p. 22.

Gomes, José António. 2007. “A Bela Desaparecida”, en *Malasartes*, nº 15, dezembro, p. 73.

- 2009. “Que o leitor aprenda a manter-se do lado da poesía Em torno de *A Verdadeira História de Alice*, de Rita Taborda Duarte”, en *Malasartes*, nº 17, abril, pp. 10-12.
- Ramos, Ana Margarida. 2008. “A palabra ao sabor da imagem Apontamentos para a lectura da obra de João Paulo Cotrim”, en *Malasartes*, nº 16, outubro, pp. 4-7.
- 2009. “Rita Taborda Duarte Novos Caminhos da literatura para criançás”, en *Malasartes*, nº 17, abril, pp. 4-9.
- Roig Rechou, Blanca-Ana. 2008. *La Literatura Infantil y Juvenil gallega en el siglo XXI. Seis llaves para entenderla major/A Literatura Infantil e Xuvenil galega. Seis chaves para entendela mellor*. Madrid/Santiago de Compostela: Asociación Española de Amigos del Libro Infantil y Juvenil/ Xunta de Galicia.